

Uma Breve História dos(as)  
Madjermanes  
Moçambicanos(as)

A Short History of the Mozambican Madjermanes

Marcia C. Schenck, Universidade de Potsdam, Alemanha  
[marcia.schenck@uni-potsdam.de](mailto:marcia.schenck@uni-potsdam.de)

### **Abstract (português):**

Este artigo fornece uma breve história do programa de migração de mão-de-obra temporária que trouxe cerca de 21.000 trabalhadores(as)-aprendizes de Moçambique para a Alemanha Oriental entre 1979 e 1989. Quando a Alemanha se reuniu e a República Democrática Alemã deixou de existir, os acordos que regiam esses programas trabalhistas foram abandonados, mas os legados desta migração de mão-de-obra continuam até o presente. Ex-trabalhadores(as) moçambicanos, conhecidos(as) hoje em Moçambique como *madjermanes* se destacam publicamente, mesmo três décadas após seu retorno. Os *madjermanes* usam suas memórias positivas da Alemanha Oriental para criticar hoje o que percebem como o fracassado projeto moçambicano de modernização.

Esta pesquisa é baseada na análise de fontes primárias (entrevistas, arquivos e materiais publicados) e em revisão bibliográfica. Primeiramente, exploro porque os governos de Moçambique e da Alemanha Oriental desenvolveram o programa. Em segundo lugar, examino as motivações dos(as) próprios(as) migrantes. Finalmente, examino as consequências do fim do programa em 1990 e suas reverberações até os dias de hoje.

Palavras-chave: madjerman; nostalgia; Gastarbeit; migração laboral

### **Abstract (English):**

This article provides a brief history of the temporary labor migration program that brought about 21,000 Mozambican worker-trainees to East Germany between 1979 and 1989. When Germany reunited and the German Democratic Republic ceased to exist the agreements governing such labor programs were abandoned, but the legacies of this labor migration continue into the present. Former Mozambican worker-trainees, known today in Mozambique as the *madjermanes* stand out in the public eye as a distinct group even three decades after their return. *Madjermanes* deploy positive memories of East Germany to criticize the Mozambique of today for what they perceive as the failed Mozambican modernization project.

This research is based on the analysis of primary sources (interviews, archives and published material) as well as literature review. Firstly, I explore why the Mozambican and East

German governments developed the program. Secondly, I examine the motivations of the migrants themselves. Finally, I examine the consequences of the end of the program in 1990 and its reverberations into the present day.

Keywords: madjerman; eastalgia; guest worker; labor migration

---

A República Democrática Alemã (RDA) assinou cerca de 21.000 contratos com trabalhadores(as) moçambicanos entre 1979 e 1989<sup>1</sup>. Os acordos que regem os programas trabalhistas foram abandonados quando a Alemanha se reuniu e a RDA deixou de existir, mas os legados desta migração laboral continuam até hoje. Ofereço aqui um breve histórico do programa de migração de trabalho temporário que trouxe jovens moçambicanos para a Alemanha Oriental. Primeiramente, exploro porque os governos de Moçambique e da Alemanha Oriental desenvolveram o programa. Em segundo lugar, examino as motivações dos(as) próprios(as) migrantes. Finalmente, examino as consequências do fim do programa em 1990 e suas reverberações até os dias de hoje.

### **O proletariado internacional em ação: migração laboral de Moçambique para a República Democrática Alemã<sup>2</sup>**

País recém cunhado na costa oriental da África, Moçambique havia conquistado a independência de Portugal em 25 de junho de 1975, após uma guerra prolongada e sangrenta. Samora Machel, o novo presidente do país desde a independência até sua morte em 1986, era um admirador da Alemanha Oriental:

Temos uma base sólida para nossas relações: os princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, que nos permitem coordenar nossos objetivos e opiniões e mostrar que existe uma harmonia de interesses entre nós. Nossa aliança tem, portanto, um caráter estratégico. Ela não ameaça ninguém. Ela promove a luta comum pela paz e o socialismo, pela liberdade e independência das pessoas. Esta aliança contribui para o progresso do movimento revolucionário mundial.<sup>3</sup>

A Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO – de Machel começou como um movimento nacionalista, lutando contra o domínio colonial português. Ela recebeu muito apoio da Alemanha Oriental, a partir do início dos anos 60.<sup>4</sup> Tornou-se o partido do governo

após a independência e adotou um programa político marxista-leninista em seu terceiro congresso do partido em 1977. A FRELIMO manteve seus princípios socialistas até cerca de uma década depois, quando começou a se distanciar gradualmente deles e se voltou para um programa de mercado livre. Esta adaptabilidade ajudou a manter o partido no poder até os dias de hoje. No mesmo ano em que a FRELIMO decidiu pelo marxismo-leninismo, em 1977, a Alemanha Oriental (não por acaso) declarou Moçambique como um de seus três parceiros comerciais prioritários na África. Seguiu-se uma cooperação econômica, técnica e educacional abrangente, culminando num abrangente tratado de amizade e uma série de acordos comerciais que foram assinados em fevereiro de 1979, durante uma visita a Maputo por Erich Honecker, Secretário Geral do Partido da Unidade Socialista da Alemanha Oriental/*Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* (SED).<sup>5</sup> Durante essa mesma visita, em 24 de fevereiro, os dois países assinaram um acordo regulando a migração temporária de mão-de-obra moçambicana para a Alemanha Oriental.<sup>6</sup>

O governo da FRELIMO já havia se aproximado do governo da Alemanha Oriental em 1977, solicitando o envio de 2.000 trabalhadores(as) por ano em 1978 e 1979 para que pudessem ganhar um ano de experiência prática de trabalho, com a opção de que trabalhadores(as) bem sucedidos(as) passassem por um treinamento profissional especializado de dois anos. A RDA inicialmente declinou, explicando que não seria conveniente politicamente receber trabalhadores(as) sem ter um objetivo educacional explícito, e que os empregadores(as) enfrentariam dificuldades organizacionais e tecnológicas que seriam desproporcionalmente altas em comparação com os benefícios de um programa de pequena escala.<sup>7</sup> Apenas dois anos depois, porém, eles haviam mudado de ideia e a República Democrática Alemã (RDA) e a República Popular de Moçambique (RPM) chegaram a um acordo para uma cooperação laboral de muito maior escala.

Para entender o interesse moçambicano em exportar mão-de-obra, precisamos lembrar que muitos moçambicanos(as) já haviam migrado para a África do Sul para trabalhar na indústria de mineração de lá. Este foi um importante precursor da migração de mão-de-obra para a RDA. O programa que viu moçambicanos(as) viajarem para a África do Sul foi um acordo entre o governo sul-africano e o Estado colonial português. Entretanto, o governo da era do Apartheid não tinha interesse em um programa que apoiasse financeiramente um Moçambique independente - a transferência de poder das mãos europeias para as africanas era, do ponto de vista da África do Sul, um precedente perigoso, por razões óbvias. Portanto,

o governo sul-africano terminou a cooperação quando Moçambique alcançou sua independência. Assim, os ganhos de Moçambique com a migração para a África do Sul caíram de US\$ 150 a US\$ 175 milhões em 1975 para menos de US\$ 15 milhões em 1978.<sup>8</sup> Além disso, o cancelamento do programa resultou em uma perda de renda para muitas famílias, especialmente no sul de Moçambique. A tradição da migração de mão-de-obra para a África do Sul remonta ao final do século 18, e havia se tornado formalizada e regulamentada como parte do sistema do mercado de trabalho sul-africano no final do século 19 e início do século 20. Substituir esta renda perdida era uma alta prioridade para o novo governo moçambicano. Além disso, o país tinha problemas ainda maiores porque a maioria dos cargos qualificados sob o domínio colonial haviam sido ocupados por trabalhadores(as) portugueses que então saíram em massa após a independência. Isto deixou Moçambique com um déficit de pessoal qualificado justamente quando a FRELIMO estava tentando desenvolver o país através da industrialização. A tradição de lucrar com a exportação da força de trabalho moçambicana havia começado na época colonial, mas assim continuou até a era da independência. Enquanto os trabalhadores(as) ganhavam preciosas moedas fortes previamente, este não era mais o caso sob o esquema de migração socialista. A Alemanha Oriental nunca transferiu dinheiro para Moçambique pelos salários diferidos dos trabalhadores(as), simplesmente deduziu do déficit comercial moçambicano com a RDA. Ambas as nações faziam permutas e os débitos e créditos existiam apenas no papel, em um sistema de compensação.<sup>9</sup> Coube assim ao governo moçambicano encontrar o dinheiro com o qual pagar os(as) trabalhadores(as), um processo opaco que levaria a muitas reclamações. Entretanto, os(as) trabalhadores(as) exportados(as) ganharam uma dimensão extra: eles(as) adquiririam habilidades de trabalho que poderiam então trazer de volta à África e implementar na planejada revolução industrial moçambicana.

O programa de migração de mão-de-obra foi co-desenhado pela FRELIMO e pela SED da Alemanha Oriental. Da perspectiva moçambicana, o programa da Alemanha Oriental não apenas treinaria o(a) trabalhador(a) na fábrica, mas também serviria para educar o Homem Novo socialista, mergulhado no socialismo real, como praticado na Alemanha Oriental. Na época (e de fato, nos dias atuais), uma explicação comum para o “subdesenvolvimento” africano era que as identidades étnicas subnacionais inibiam a lealdade nacional e, portanto, o avanço moderno. Para tanto, foram selecionados candidatos de todo o país para ajudar a criar uma identidade nacional. Eles(as) também foram escolhidos a partir de diversas origens

familiares para que houvesse uma nova classe trabalhadora que tivesse se libertado das restrições das antigas estruturas de classe.

Em meados da década de 1970, a economia moçambicana se encontrava em dificuldade. Cerca de 83% dos moçambicanos viviam no campo e se dedicavam a atividades agrícolas, muitas vezes a nível de subsistência. Havia apenas cerca de 1.800 corporações industriais em todo o país, em sua maioria de pequeno porte, algumas das quais foram destruídas durante o êxodo português.<sup>10</sup> A industrialização que Samora Machel pretendia impulsionar o desenvolvimento econômico de Moçambique era, portanto, um esforço hercúleo e precisava da criação de uma nova classe trabalhadora. Dada a escassez de oportunidades de formação profissional dentro de Moçambique, o país tinha a escolha entre convidar estrangeiros para treinar trabalhadores(as) em Moçambique ou enviar moçambicanos ao exterior. Para a formação profissional em indústrias que ainda não existiam em Moçambique, a formação no exterior parecia ser a melhor opção. No caso do programa de migração circular com a Alemanha Oriental, a industrialização de Moçambique seria apoiada duplamente. Em primeiro lugar, haveria uma nova classe trabalhadora qualificada com uma perspectiva socialista. Em segundo lugar, os trabalhadores(as) também estariam preparados para projetos nos quais a Alemanha Oriental deveria investir em Moçambique; por exemplo, na agricultura, nos têxteis e na produção de carvão. Infelizmente, porém, poucas iniciativas econômicas da Alemanha Oriental em Moçambique se materializaram, e as que se realizaram sofreram com a falta de trabalhadores(as) qualificados(as), má administração, sanções internacionais, e os efeitos nocivos das guerras civis.<sup>11</sup>

O programa de migração de mão-de-obra entre Moçambique e a Alemanha Oriental não foi um fenômeno isolado. O mundo estava dividido pela Guerra Fria, mas dentro do mundo socialista havia muita cooperação internacional. As mobilidades socialistas facilitadas e reguladas pelo Estado aconteceram em muitos formatos. Entre as pessoas africanas que ganharam mobilidade internacional temporariamente se incluíam estudantes universitários(as), crianças em idade escolar, estagiários(as), sindicalistas, membros partidários, trabalhadores(as) contratados(as), soldados(as) e combatentes da independência. Estes grupos estavam conectados pelo entendimento de que suas viagens individuais faziam parte de uma luta mais ampla pelo progresso, descolonização e desenvolvimento. Ao mesmo tempo, Estados africanos como Moçambique receberam consultores estrangeiros, professores, médicos e militares profissionais.

Os homens e mulheres moçambicanos que vieram trabalhar na Alemanha Oriental também se encontravam em boa companhia. A RDA executou programas entre "nações irmãs" socialistas que pretendiam ser solidários com trabalhadores(as) do mundo inteiro. Pessoas de diversos lugares como Argélia, Angola, China, Cuba, Coreia do Norte, Moçambique, Polónia e Vietnã migraram para a Alemanha Oriental a trabalho e treinamento. E a RDA não foi o único lugar a receber trabalhadores(as) contratados do mundo socialista: cubanos(as) viajaram para a Tchecoslováquia e Hungria para trabalho e treinamento, assim como vietnamitas. Na Tchecoslováquia também foram assinados acordos bilaterais de trabalho com Laos, Chipre, Angola, Mongólia e Coreia do Norte. Na Hungria, um país que acolheu menos trabalhadores(as) contratados, também vieram trabalhadores(as) da Mongólia e da Polónia.<sup>12</sup> Todas estas migrações funcionavam segundo um modelo similar, eram organizadas pelo Estado, enviavam grupos de migrantes, combinavam trabalho com treinamento e pretendiam ser temporárias. A ideia de que as habilidades adquiridas no exterior seriam utilizadas na construção de nações socialistas na volta era um denominador comum entre todos estes programas.

### **Trabalho de Terceiro Mundo na RDA: ambição e desilusão**

Em parte, a migração de mão-de-obra para a Alemanha Oriental dentre países socialistas foi justificada com o rótulo de migração para treinamento vocacional. Enquanto o oeste capitalista, especialmente a Alemanha Ocidental e seu programa de "mão-de-obra convidada" (*Gastarbeit*), era considerado como exploração da mão-de-obra, a Alemanha Oriental enfatizava a natureza do desenvolvimento do capital humano nos seus programas.<sup>13</sup> Seu objetivo declarado era criar uma força de trabalho vanguardista, profissionalmente qualificada e conscientemente socialista. Como parte do proletariado internacional, os(as) trabalhadores(as) deveriam retornar aos seus países de origem para apoiar sua industrialização e difundir a revolução socialista.<sup>14</sup> No entanto, surgiram acusações de exploração. Argélia, Polónia e Cuba levantaram questões sensíveis, como maus-tratos e exploração de trabalhadores(as). A Argélia foi a primeira a levantar questões no início dos anos 80. Ela aprovou uma lei de proteção "contra a exploração de cidadãs e cidadãos argelinos(as) por Estados estrangeiros", como resultado da qual os acordos com a Alemanha Oriental foram dissolvidos.<sup>15</sup> Em 1987, o governo polonês exigiu melhor tratamento de seus(as) trabalhadores(as) nas fábricas da Alemanha Oriental e um ano depois Cuba ameaçou anular o acordo bilateral de trabalho com base em ataques a seus(as) cidadãos(ãs) e uma preocupação

com sua segurança.<sup>16</sup> Provavelmente não é uma coincidência que as reclamações da Polônia e de Cuba tenham sido expressas na segunda metade dos anos 80, período no qual o recrutamento de mão-de-obra estrangeira para a Alemanha Oriental era principalmente impulsionado por preocupações econômicas, negligenciando assim a formação profissional e o bem-estar dos trabalhadores(as).

À medida que a economia da Alemanha Oriental passava cada vez mais por dificuldades durante os anos 80, os(as) trabalhadores(as) estrangeiros tornavam-se indispensáveis para aliviar o déficit de mão-de-obra da Alemanha Oriental, apoiando no sistema de três turnos destinado a cumprir as quotas de produção. Em 1987 a comissão de planejamento e o Ministério das Finanças calcularam que um(a) único(a) trabalhador(a) moçambicano(a) contribuiu com 18.487 marcos para a renda nacional, após deduzir todos os gastos.<sup>17</sup> Este número pode ser comparado com o PIB por funcionário, que era de 40.721 marcos em 1989.<sup>18</sup> Dado que o PIB por funcionário é uma medida antes da dedução de gastos e o valor da contribuição dos migrantes era depois da dedução dos gastos, esta foi uma contribuição substancial por trabalhador(a).<sup>19</sup> O objetivo de treinar trabalhadores(as) para promover a industrialização de volta no próprio país, central no início do programa, havia se tornado nitidamente secundário. No caso de Moçambique, era cada vez mais claro que não havia dita indústria em funcionamento para a qual enviar trabalhadores(as) de volta, já que o país continuava enfrentando uma guerra civil. Isto levou ao recrutamento de trabalhadores(as) que receberam o mínimo de treinamento de idiomas e capacitação em equipamentos antes de serem imersos diretamente no sistema de turnos. Eles permaneciam como mão-de-obra não especializada e frequentemente tinham que realizar tarefas que eram impopulares com a força de trabalho alemã.<sup>20</sup>

### **A experiência internacional do proletariado: navegando no sistema**

Como o programa realmente funcionou para os trabalhadores(as)-aprendizes?<sup>21</sup> Os(as) candidatos(as) moçambicanos(as) elegíveis para cargos de mão-de-obra migrante-na Alemanha Oriental tinham que ter entre 18 e 25 anos de idade, estar fisicamente aptos(as) e ter completado pelo menos a quarta série.<sup>22</sup> Isto pode não parecer muito, mas dado o acesso sombrio à educação em Moçambique colonial e no início do período pós-colonial, alcançar mesmo este baixo nível de educação não era algo natural. O baixo padrão de educação de alguns(as) dos(as) candidatos(as) recrutados(as) acarretou em problemas na escola de idiomas



e nos aspectos de treinamento vocacional de seus programas.<sup>23</sup> Enquanto homens e mulheres eram encorajados a se inscreverem, dado o papel das mulheres em muitas culturas em Moçambique, era difícil encontrar mulheres elegíveis: apenas 10% dos(as) trabalhadores(as)-aprendizes moçambicanos(as) eram mulheres.<sup>24</sup> Este desequilíbrio de gênero não se limitava a Moçambique, pois havia em geral menos mulheres do que homens na posição de trabalhador(a)-aprendiz. As mulheres estrangeiras representavam apenas 29,8% (ou cerca de 57.000 pessoas) de todos os estrangeiros na RDA em 1989.

Os trabalhadores(as)-aprendizes não eram livres para escolher sua área de trabalho, eram designados(as) para fábricas em toda a Alemanha Oriental. Eles(as) foram treinados em indústrias pesadas e leves, incluindo fabricação de navios e trens, eletrônicos, vestuário, produção agrícola e processamento de alimentos. Os contratos duravam geralmente quatro anos. No caso dos(as) moçambicanos(as), os contratos podiam ser prorrogados, e alguns(as) trabalhadores(as) moçambicanos(as) cumpriam dois ou – as vezes - três contratos. A maioria dos(as) enviados(as) no final dos anos 80 continuou atuando como mão-de-obra desqualificada. Alguns atingiram o nível de trabalhadores(as) qualificados, embora muito poucos(as) atingiram o nível de mestres-artesãos(ãs).<sup>25</sup> O nível de treinamento linguístico e qualificação oferecido variou enormemente entre o início e o fim do programa. Tanto a qualidade e sucesso da instrução, como o nível de integração dos trabalhadores(as) em suas respectivas empresas, variaram. Algumas regiões como Berlim ou Leipzig eram mais populares entre os(as) trabalhadores(as) migrantes por causa das ofertas culturais e de entretenimento. Em geral, os(as) trabalhadores(as)-aprendizes eram bastante móveis durante seu tempo na RDA e visitavam uns aos outros em diferentes cidades e vilarejos. Eles(as) também usavam seu tempo na RDA para adquirir bens eletrônicos e roupas em voga para seu tempo de estadia na Alemanha, mas também coisas como um forno ou pratos, com os quais planejavam mobiliar sua casa depois de voltar para a África. Como os custos de vida e transporte eram baixos, os(as) migrantes se lembram de ter dinheiro para gastar em entretenimento e preparativos para sua volta para casa, apesar de serem obrigados a transferir uma parte de seus salários para seus países de origem, variando ao longo do tempo entre 25% e 60%. As dificuldades para obter esse dinheiro mais tarde se tornaram o ponto crucial da amargura de muitos(as) dos(as) trabalhadores(as).

A seguir, focarei nos(as) ex-trabalhadores(as) moçambicanos(as), conhecidos hoje em Moçambique como os madjermanes, que voltaram para casa para (re)construir suas vidas

peçoais e profissionais com o objetivo de apoiar o desenvolvimento de seu país através da industrialização.<sup>26</sup> No entanto, muitos logo perceberam que seu sonho de viver a vida como trabalhadores(as) operários(as) (“colarinhos azuis”), com benefícios e privilégios semelhantes aos que se lembravam de ter encontrado na Alemanha Oriental, permaneceria exatamente isso - um sonho.

### Por que sair de casa para a RDA?

Somente através da combinação de múltiplas abordagens - uma abordagem econômica, focando a história do trabalho e noções de desenvolvimento; uma abordagem que foca a atenção na educação socialista; e uma abordagem que analisa o impacto da guerra e dos sonhos - podemos compreender plenamente as decisões dos(as) trabalhadores(as)-aprendizes de migrar para a República Democrática Alemã. Além disso, precisamos de todas essas perspectivas para descrever adequadamente como o trabalho estava inter-relacionado com outros aspectos da vida dos migrantes. As quatro categorias a seguir emergem como motores coletivos da migração: trabalho, educação, guerra e motivos pessoais. Estas quatro categorias não são mutuamente exclusivas. Os(as) trabalhadores(as)-aprendizes deram peso diferente a múltiplos fatores em seu próprio processo de tomada de decisão.

Como as memórias dos(as) migrantes revelam, não ficou claro para todos os jovens aonde seriam enviados e por quê, e é importante ter em mente que suas decisões foram frequentemente baseadas em rumores e informações imperfeitas. As considerações econômicas, que alimentam a migração de mão-de-obra em todo o mundo, previsivelmente desempenharam um papel significativo. Os(as) migrantes sonhavam com a independência material e com a preparação para o casamento e a fundação do próprio lar. Outra motivação era o dever filial, de ajudar a sustentar redes familiares maiores em um país ainda marcado pela pobreza. Os(as) jovens também foram atraídos(as) pela promessa de educação, de lançar as bases para suas próprias carreiras e de ascender socialmente. Enquanto alguns(as) procuravam tornar-se trabalhadores(as) de colarinho azul, outros(as) alimentavam sonhos de ir para a universidade uma vez no exterior. Muitos(as) se sentiram inspirados(as) pelos discursos do carismático Samora Machel para fazer a sua parte em ajudar no desenvolvimento de seu país natal. Mas as preocupações com a segurança pessoal também foram um forte fator de motivação. Embora a independência em 1975 tivesse terminado a guerra com Portugal, ela

não trouxe uma paz duradoura. Entre 1977 e 1992, a FRELIMO combateu a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) em uma guerra civil alimentada por interesses regionais e da Guerra Fria. Fugir dos riscos do serviço militar (regular ou por abdução) e da violência do combate parecia ser uma boa razão para muitos se inscreverem em quaisquer programas que prometiam ajudar a migrar a outros lugares. Os combates sacrificaram mais de um milhão de vidas, desalojaram vários milhões de pessoas na região e destruíram muitas infraestruturas como linhas férreas, estradas, escolas e hospitais. Não é de surpreender que as privações causadas pela economia do conflito também tenham sido destacadas nas entrevistas que realizei com ex-trabalhadores(as) migrantes. Finalmente, as motivações sentimentais foram importantes para alguns(as) migrantes, que seguiram laços pessoais no exterior reunindo-se com um parceiro ou membro da família, ou que assinaram um segundo contrato para retornar e estar com sua nova família na Alemanha Oriental.<sup>27</sup> Na imaginação dos futuros migrantes, a Alemanha Oriental também fazia parte de uma noção da Europa como um lugar de possibilidades que reunia aventura, prosperidade e uma boa vida.

Um dos migrantes que eu entrevistei, Fabião, resumiu estes inúmeros fatores:

As vantagens [de ir para a Alemanha Oriental] eram muitas. Antes de mais nada, estavas ocupado. Podias ir e trabalhar e receber treinamento técnico, o que era melhor do que não fazer nada. Em segundo lugar, tivemos uma guerra de dezesseis anos neste país, e a vida aqui era muito difícil. Era uma chance de escapar da insegurança. Também para escapar da pobreza porque aqui em Moçambique enfrentávamos a falta de empregos, a falta de segurança, a falta de escolas, a falta de livre circulação de pessoas e uma grave falta de coisas. Havia muitos refugiados e pessoas deslocadas, mas não havia espaços seguros. Em terceiro lugar, foi um benefício real para minha vida pessoal. Eu tinha a capacidade de trabalhar para sustentar a mim mesmo e minha família. Aprendi muito sobre um modo de vida diferente. Aprendi como ser organizado e tive minha primeira experiência de trabalho. Eu gostei.<sup>28</sup>

Voltaremos ao tema do ganho pessoal na última seção deste texto. É importante destacar as diferentes experiências de vida que levaram muitos retornados a Moçambique a lembrar a Alemanha Oriental como uma espécie de El Dorado. Isto contrasta com a imagem igualmente enganosa da RDA muitas vezes mantida no Ocidente como um país de monótonas fileiras de blocos de concreto pré-fabricados com apartamentos, carros Trabant não confiáveis, e o Muro

de Berlim que paira sobre tudo. Patrício descreve assim o contraste econômico entre sua vida moçambicana e sua vida alemã:

Antes de irmos para a Alemanha, havia guerra em Moçambique. Não tínhamos nada para comer. E não tínhamos nada para comprar, nem mesmo açúcar. As lojas estavam completamente vazias. O dinheiro não era o problema, mas simplesmente não havia bens para comprar. Comíamos apenas repolho com sal. Se quisesses ter pão, tinhas que te levantar às 4:00 da manhã e começar a fazer fila, mas mesmo assim, não tinha garantia de pão. Em algum momento o governo introduziu rações, mas o que recebíamos por família não era nada, eram como 2 kg de arroz para um mês inteiro por família. Não se podia comprar coisas como roupas, e o que existia era desproporcionalmente caro. Agora, na Alemanha, tínhamos tudo, mais do que o suficiente de tudo.<sup>29</sup>

Cerca de um quarto de século após seu retorno, muitos migrantes moçambicanos retratam sua decisão de migrar em termos individualistas. O ideal da pessoa independente em busca de novas possibilidades criou uma tensão com o ideal socialista de contribuir para uma força de trabalho vanguardista para a industrialização do país, e com as obrigações familiares. Para os migrantes, havia muitas vezes um descompasso entre os desejos individuais e os deveres coletivos, entre tornar-se *Homens Novos* socialistas e não perder de vista suas próprias motivações.

### **O fim da RDA, o fim do sonho *madjerman***

Com a transição política e a reunificação alemã em 1989/1990, a vida dos(as) trabalhadores(as)-aprendizes mudou imensamente. O que é conhecido na Alemanha como uma revolução pacífica não foi vivido como um tempo de paz pelos(as) trabalhadores(as) contratados(as). Muitos(as) trabalhadores(as) foram enviados(as) de volta para casa prematuramente, às vezes sem receber informações sobre como ficar ou receber benefícios de indenização. Paralelamente a esta reestruturação econômica, o aumento das manifestações de racismo tornou a vida muito difícil, pois representava uma ameaça para sua segurança. Dos(as) 15.100 trabalhadores(as)-aprendizes moçambicanos(as) que foram registrados em 1989, apenas 2.800 moçambicanos(as) foram deixados na Alemanha Oriental no final de 1990. Este foi um retorno em massa desordenado e imprevisível de trabalhadores(as) que

sobrecarregou as capacidades tanto dos Estados da Alemanha Oriental quanto de Moçambique.<sup>30</sup>

Os principais objetivos da delegação da Alemanha Oriental que viajou a Moçambique para negociar o fim do regime socialista de migração trabalhista foram que as empresas da Alemanha Oriental ganhassem o direito de rescindir contratos individuais, que nenhum novo trabalhador migrante fosse aceito e que os direitos daqueles atualmente na Alemanha Oriental fossem redefinidos. Devido às circunstâncias caóticas de 1989-90 em muitas empresas da Alemanha Oriental, nem todos(as) os(as) trabalhadores(as) foram informados(as) sobre a possibilidade de permanecerem fora do programa de trabalho e treinamento. Além disso, algumas empresas tomaram a lei em suas próprias mãos, fretaram aviões e mandaram os(as) trabalhadores(as) de volta. Por exemplo, o jornal moçambicano Tempo noticiou que, em 17 de setembro de 1990, um avião cheio de trabalhadores(as)-aprendizes que eram retornados(as) aterrissou sem que as autoridades aeroportuárias ou qualquer outra agência moçambicana tivessem sido informadas.<sup>31</sup>

Na Alemanha Oriental, todos(as) os(as) trabalhadores(as) sentiram a insegurança geral das mudanças políticas, econômicas e sociais da *Wende* (A Mudança), como a transição é conhecida na Alemanha. Os(as) trabalhadores(as) moçambicanos a vivenciaram a partir de uma posição especialmente vulnerável como estrangeiros(as) com vagos direitos de residência e alvos de racismo e xenofobia. As expressões públicas de racismo foram reduzidas durante o regime socialista pela ideologia oficial antirracista.<sup>32</sup> Entretanto, no final da RDA, o racismo abertamente expresso tornou-se tão prevalente que estava entre as principais razões - se não a principal - que motivou os(as) trabalhadores(as) a retornar aos seus países de origem após o colapso do socialismo na Alemanha.

O que os(as) trabalhadores(as)-aprendizes inicialmente imaginavam que seria um retorno eufórico, desfrutando de seu capital social e econômico como retornados relativamente ricos, logo se transformou em desapontamento e marginalização. Os(as) trabalhadores(as) relatam seu retorno através do prisma da perda: perda dos bens que haviam comprado na Alemanha Oriental, de seus salários diferidos, de seus laços com amigos(as), parceiros(as) e filhos(as) na Alemanha Oriental, e de seus sonhos profissionais e pessoais. Para muitos, a queda de seu status de vanguarda dos(as) trabalhadores(as) moçambicanos e a perda de sua passageira posição social após seu retorno provou ser um choque do qual não se recuperaram.

Adevaldo capta esta narrativa. Ele se lembra de seu jubiloso regresso:

O espanto foi grande. Todos queriam ver os 'madjermanes', como fomos chamados carinhosamente. Éramos pessoas que possuíam respeito econômico, que encaravam o futuro. Na primeira oportunidade, deixei para trás minha pobre e tortuosa cabana de cana. ...A nova casa já era feita de pedra e os primeiros eletrodomésticos chegaram da Alemanha: TVs, geladeiras, rádios, gravadores de vídeo e muito mais; a famosa MZ [marca de motocicletas da Alemanha Oriental], a figura alemã em Moçambique. Era um embaixador de interesses econômicos e representava tanto para um retornado. Membros da família e amigos comemoraram. Havia tantos deles, alguns totalmente desconhecidos, que me visitaram para compartilhar da alegria que as Marcas criaram.<sup>33</sup>

Mas então:

Os dias se tornaram mais escuros, dia após dia cada vez mais escuros, sem dinheiro de compensação, nada. O tempo já havia chegado para procurar trabalho, mas nem mesmo o trabalho aparecia. Ainda me lembro daqueles momentos tristes quando me separei da mercadoria, dia após dia, pedaço após pedaço. A TV, o rádio, finalmente o tão estimado MZ, eu tinha que me despedir porque tinha que viver...<sup>34</sup>

A história do Adevaldo é uma história de prosperidade inicial seguida de um rápido declínio; um arco narrativo ecoado pela maioria dos retornados. Inicialmente, muitos(as) trabalhadores(as) sonhavam com uma vida como trabalhadores(as) assalariados nas indústrias moçambicanas, permitindo-lhes construir suas próprias casas e famílias enquanto contribuía para o desenvolvimento econômico de seus países de origem. Isto tinha funcionado até certo ponto para as primeiras gerações de trabalhadores(as)-formandos(as), pois eles encontraram trabalho na indústria, como em portos, mineração de carvão ou em têxteis. Para a maioria dos(as) trabalhadores(as) das gerações posteriores, não havia esperança de empregar a experiência adquirida no exterior, pois a maioria dos(as) retornados(as) não qualificados(as) se encontrava em uma economia de conflito, incapaz de proporcionar empregos estáveis.

A diminuição da palavra socialista durante o final dos anos 80 e início dos anos 90 não deixou Moçambique indiferente. Depois que o socialismo perdeu sua atração e Moçambique se reorganizou em torno dos princípios de mercado e da estrutura de uma democracia

multipartidária, os retornados enfrentaram um governo que não tinha nem interesse nem capacidade de colocá-los em empregos apropriados. Estes(as) trabalhadores(as) haviam sido criados em um sistema no qual o Estado socialista deveria prover a eles, mas agora eles tinham que mostrar iniciativa de cuidar de si mesmos, sem qualquer instrução sobre como funcionar nesta nova lógica. Este sentimento de desorientação, que os(as) trabalhadores(as) moçambicanos compartilharam com muitas pessoas nas sociedades jovens pós-socialistas, foi exacerbado por sua adaptação à vida em um contexto cultural diferente. Elke Ahrens e Sigrid Müller, que falaram com os(as) retornados(as) em Maputo no início dos anos 90, concluíram que "eles(as) não conseguem realmente se identificar com seu país de origem, não se sentem capazes de tomar a iniciativa de forma proativa e depositam grandes expectativas na ajuda de fora".<sup>35</sup>

Os retornados criticam o governo da FRELIMO por tê-los explorado. O cerne da discórdia foi que quando voltaram para casa, não haviam recebido a maior parte dos salários que haviam sido obrigados a enviar para Moçambique quando estavam trabalhando na RDA. Um movimento de protesto começou a se formar no início dos anos 90, que viu organizações representando a campanha dos *madjermanes* para recuperar do governo o que viam como seu dinheiro. Para isso, eles se apropriaram do famoso slogan de luta anti-colonial da FRELIMO: "a luta continua". Sua reclamação não foi a política de pagamento diferido em si, mas sim o processo de pagamento, ou a falta do mesmo. Um trabalhador em Maputo se lembra:

Achamos que era uma coisa boa porque receberíamos o dinheiro após nosso retorno. Era melhor receber apenas 40% de nossos salários lá porque não tínhamos futuro naquele país [Alemanha Oriental]. Portanto, teria sido melhor receber a outra parcela aqui e viver muito bem, mas isso nunca aconteceu.<sup>36</sup>

Este era um sistema com o qual muitos(as) trabalhadores(as) moçambicanos estavam familiarizados através de avós, pais, tios ou irmãos que haviam migrado anteriormente para a África do Sul. A questão era que a maioria dos(as) trabalhadores(as) com quem eu falei não podia ter acesso aos salários transferidos ao voltar para casa. Para aqueles nas províncias, isso se tornou mais um fardo ainda mais burocrático, mas também para aqueles na capital se mostrou inútil. Mesmo quando os pagamentos eram feitos e recebidos, os(as) trabalhadores(as) não podiam relacionar os valores recebidos com o que lhes era devido porque não tinham sido ajustados à inflação. Isto levou a fortes críticas ao governo que eles

viam como corrupto e intransparente. Também é importante notar que os moçambicanos não eram o único grupo de trabalhadores(as) estrangeiros(as) contratados(as) na RDA que não recebia seus salários integrais, e nem a RDA era o único país anfitrião do bloco oriental a ter arranjado um sistema de pagamentos diferidos com os países de origem. Ao contrário, há vários casos de trabalhadores(as) que se mobilizaram após seu retorno para reclamar transferências, por exemplo, em Angola, onde ex-trabalhadores(as) da RDA negociaram com sucesso com o governo.<sup>37</sup> Para os(as) trabalhadores(as) cubanos(as) na Tchecoslováquia e Hungria, 60% de seu salário também foram depositados em uma "conta poupança especial" no país de origem, dinheiro que deveria ser pago aos trabalhadores(as) após seu retorno e "depois de deduzidos os custos de viagem ..., de aquisição de roupas de trabalho e de acomodação" um processo que nem sempre funcionou bem, como até mesmo o partido comunista cubano reconheceu.<sup>38</sup>

Os salários atrasados em falta não são a única reclamação dos(as) ex-trabalhadores(as) moçambicanos. Em retrospectiva, Fabião é crítico quanto ao valor profissional de sua formação na Alemanha Oriental:

Recebemos lá treinamento que não pôde ser aplicado em Moçambique porque as fábricas não existiam aqui. Eu, por exemplo, trabalhei em uma fábrica que produzia vidro para copos, binóculos, telescópios especializados; não dispúnhamos de tal maquinaria especializada aqui em Moçambique. A educação formal era, portanto, de aplicabilidade questionável, mas no nível pessoal aprendemos muito e nos beneficiamos tremendamente por termos sido empregados na Alemanha Oriental.<sup>39</sup>

Fabião aponta corretamente o descompasso entre as tarefas nas fábricas da Alemanha Oriental e as possibilidades no mercado de trabalho moçambicano, uma disparidade que, como vimos acima, se agravou à medida que mais trabalhadores(as) migrantes foram recrutados(as) na segunda metade dos anos 80 para apoiar a economia da Alemanha Oriental puramente através da mão-de-obra. Além disso, Fabião levanta uma importante distinção, que é entre a aprendizagem de conhecimentos técnicos e de competências sociais. Muitos(as) migrantes retornados(as) destacam o benefício pessoal de terem vivido no exterior e de terem se adaptado com sucesso à cultura de trabalho da Alemanha Oriental. Ao mesmo tempo, eles(as) reconhecem a limitada aplicabilidade de sua formação profissional na ausência de equipamentos especializados como os utilizados na Alemanha Oriental ou a ausência de



indústrias inteiras. Os conhecimentos técnicos não foram transferidos tão facilmente como as autoridades haviam imaginado. Os efeitos desastrosos de décadas de guerra civil não tinham sido levados em consideração. Habilidades como dirigir, soldar ou pintar vieram a calhar, e alguns(as) trabalhadores(as) chegaram em casa com as ferramentas que lhes permitiram abrir (por exemplo) uma oficina informal de reparos.

Enquanto eu ouvi histórias de retornados que conseguiram um emprego porque falavam alemão ou tinham estado na Alemanha, uma experiência muito mais comum foi a exclusão por causa da filiação aos *madjermanes*. Adevaldo, cuja voz já ouvimos falando de uma prosperidade inicial seguida de uma rápida desilusão, descreve o *madjerman* como um termo carinhoso. Isto foi mudando ao longo dos anos, pois os(as) trabalhadores(as) retornados(as) acompanharam os protestos na capital e foram cada vez mais vistos como agitadores(as). No auge de seus protestos em 2004, eles(as) entraram no prédio do parlamento em Maputo e ocuparam a embaixada alemã por vários dias. Ilda descreve o impacto em sua própria vida:

Trabalhei como governanta em uma família e assim que descobriram que eu era uma *madjerman*, fui mandada embora. ...Nós não temos o direito de trabalhar, eles não querem nos pagar e, além disso, estão nos discriminando. Quando vou procurar trabalho, não posso escrever no meu CV que sou *madjerman*.<sup>40</sup>

Mesmo três décadas após o retorno, os *madjermanes* se destacam aos olhos do público como um grupo distinto. O que falta nesta percepção dos *madjermanes* é a heterogeneidade do grupo. Na opinião pública, o termo representa aqueles que exigem seus direitos vocalmente na capital - dependendo da ocasião, cerca de 100 pessoas estavam se reunindo em Maputo a partir de 2014, embora nenhuma manifestação regular tenha sido realizada durante meu período de trabalho de campo. No entanto, a maioria dos *madjermanes* seguiu em frente e construiu novas vidas. Eles(as) recordam privadamente e muitas vezes aprovam o trabalho ativista de seus antigos colegas, mas estão principalmente empenhados(as) em ganhar a vida. O que esta percepção também deixa escapar é que os *madjermanes* não são os(as) únicos(as) moçambicanos(as) que partiram e que ainda mantêm uma identidade grupal ativa. Por exemplo, há também os(as) ex-filhos(as) na escola de amizade em Staßfurt, que mantêm grupos de ex-alunos(as) ativos em todo o país.<sup>41</sup>

## **A classe trabalhadora internacional hoje: o que significa ser um *madjerman* agora**

Os retornados voltaram da Alemanha com uma identidade de grupo que os une e proporciona uma comunidade àqueles que precisam.<sup>42</sup> Muitos(as) dos(as) que retornaram adaptaram sua visão de mundo para incorporar novas ideias com base no que encontraram na RDA.

Exemplos disso são as atitudes em relação aos papéis de gênero, sexualidade e relacionamentos. Algumas mulheres falaram de maior liberdade para expressar o desejo de uma vida emancipada; discussões sobre o movimento naturista na Alemanha Oriental (*Freikörperkultur*) servem para traçar mudanças de opinião.<sup>43</sup> A reação habitual ao chegar na Alemanha Oriental foi abominá-la, mas alguns passaram a desfrutar da liberdade que essa prática sugeria, e muitas passaram a tolerá-la rapidamente como uma idiossincrasia cultural alemã. E finalmente, os *madjermanes* encontraram voz como grupo e negociaram com sucesso alguns reembolsos. Suas experiências com a vida sob o socialismo elevaram sua consciência política como atores cívicos, ensinaram-lhes a habilidade de protestar e lhes permitiram vislumbrar uma possibilidade alternativa de presente.

O ponto de encontro central em Maputo é o Jardim 28 de Maio, coloquialmente conhecido como o parque dos *madjermanes*. Situado no centro de Moçambique, próximo ao Ministério do Trabalho, o parque serve como o escritório da organização guarda-chuva dos(as) trabalhadores(as) retornados(as) em Moçambique, ATMA, e como o ponto central para manifestações que geralmente acontecem às quartas-feiras.<sup>44</sup> Em 2014, o parque também serviu como um espaço social, econômico e protetor para vários grupos *madjermanos*: os(as) indigentes, aqueles(as) que dormem no parque e passam seus dias vivendo do álcool e da comida que seus colegas compartilham, e os(as) comerciantes e empresas informais ao longo da Av. Ramao Fernandes Farinha.<sup>45</sup> Os *madjermanes* se apoiam mutuamente neste espaço com conexões e conselhos. Este é também um espaço onde eles(as) recuperam e ancoram a memória coletiva de seu passado comum, expressando solidariedade uns com os outros e dando peso a suas reivindicações coletivas. O dinheiro e os benefícios reivindicados pelos *madjermanes* são um produto de seu trabalho na Alemanha Oriental. Seus métodos baseiam-se no legado da cultura ativa de protesto que testemunharam na Alemanha Oriental, mais importante ainda, as manifestações de segunda-feira de 1989-91 e sua participação e liderança de greves empresariais.<sup>46</sup> A exigência imediata dos(as) trabalhadores(as) é que os governos

honrem sua promessa de retornar os fundos retidos e oferecer oportunidades de emprego. Suas preocupações mais amplas são a transparência e o desenvolvimento inclusivo.

Em Moçambique, a saudade da Alemanha Oriental situa os indivíduos em uma rede nacional, ligando *madjermanes* através do tempo e do espaço. Independentemente da origem ou geração de um determinado trabalhador, sua identidade *madjermanesa* os conecta. Esta rede tenta se espalhar para além da nação, incluindo antigos(as) trabalhadores(as) e aliados(as) residentes na Alemanha.<sup>47</sup>

A forma moçambicana de saudade critica o governo atual de duas maneiras: primeiro, através da evocação da *lestalgia/eastalgia* (nostalgia do Leste), comparando as experiências dos(as) ex-trabalhadores(as) ao seu tempo na RDA após seu retorno. Em segundo lugar, eles(as) expressam um anseio pelos tempos do Presidente Samora Machel.<sup>48</sup> Hoje, a *lestalgia* é um incômodo anacrônico para o governo da FRELIMO. O governo moçambicano há muito se afastou do sonho de desenvolvimento socialista que uma vez impulsionou seus(as) cidadãos(ãs) ao exterior para ganhar treinamento técnico para ajudar na construção da imaginada República Popular industrializada. Os(as) *madjermanes* usam suas memórias positivas da Alemanha Oriental para criticar hoje o que percebem como o fracassado projeto moçambicano de modernização. O entrevistado Juma relata o ponto de vista de muitos(as) trabalhadores(as) retornados:

Eu me lembro desses dias. Era uma época mais calma. O país estava limpo. Hoje o país pode ter se desenvolvido, mas está sujo e desorganizado. ... Samora Machel amava seu povo. Ele era o único presidente que tinha amor por sua nação, seu povo. Pelo país, pela infraestrutura, por tudo. Este país cheirava a perfume, a água-de-colônia.<sup>49</sup>

Enquanto as histórias de pós-reunificação muitas vezes veem decadência e subdesenvolvimento na Alemanha Oriental, Luís se lembra da Alemanha comunista como uma alternativa progressiva e habitável:

Não se pode comparar Maputo e as cidades [do antigo Leste] da Alemanha. Simplesmente, não há comparação. Olha ao redor. Verás lixo em toda parte [em Maputo]. ...Nada funciona aqui, e tudo vem decaindo desde a independência, mesmo aqui na cidade de cimento. ...Não, não se pode comparar isso com as cidades limpas, modernas, bem iluminadas e organizadas [do Leste] da Alemanha.<sup>50</sup>

É através de lembranças nostálgicas como estas que muitos *madjermanes* expressam seus sentimentos de traição. A esmagadora maioria dos(as) retornados(as) em Moçambique expressa desapontamento e raiva. Apenas alguns ainda têm esperança no futuro quando se trata da relação tensa entre eles(as) e seu governo.

Há vários fatores que continuam motivando alguns *madjermanes* a continuar seus protestos. O maior deles é uma vida à margem da sociedade sem muitas perspectivas de melhoria. Há um sentimento de injustiça, que junto aos sucessos passados perpetua a saga bizantina pelos pagamentos de indenização. A memória das condições de vida dos(as) trabalhadores(as) na Alemanha Oriental se torna cada vez mais nostálgica quando posta em contraste com a vida numa favela e ganhar a vida através de empregos informais e irregulares. Contrastando as expectativas que Samora Machel delineou para seu envolvimento no desenvolvimento de Moçambique e os sonhos que os *madjermanes* outrora abrigaram com a invisibilidade que lhes é concedida hoje, torna visível uma promessa política não cumprida. É também inspirado pela transição pacífica na Alemanha Oriental. Alguns veem as manifestações em Maputo como parte de uma tradição política, na linha das manifestações de segunda-feira na Alemanha Oriental, da sociedade civil enfrentando o governo da FRELIMO. Tudo isso encoraja alguns *madjermanes* a doarem seus chapéus, camisetas e bandeiras alemãs, pegarem suas vuvuzelas, apitos, tambores e cartazes de protesto feitos em casa e participarem das manifestações de quarta-feira em Maputo, mais de um quarto de século após seu retorno.<sup>51</sup> O olhar dos(as) retornados(as) sobre seu país de origem mudou após sua volta para casa. Os(as) ex-socialistas cosmopolitanos(as) estão sempre comparando o desenvolvimento moçambicano pós-socialista com um quadro cada vez mais *lestálgico* de suas vidas na Alemanha Oriental.

## **Bibliografia**

### Fontes Primárias:

#### Fontes Primárias Publicadas:

BANZE, A.S.F. Erinnerungen eines Rückkehrers. *Moçambique - Alemanha, Ida e Volta: Vivências dos Moçambicanos antes, durante e depois de estadia na Alemanha*. Editado por Ulf Dieter Klemm. Maputo: Instituto Cultural Moçambique-Alemanha, ICMA, 2005.

HÄNISCH, W. (ed). *Wörterbuch der Aussenpolitik und des Völkerrechts*. Ost Berlin: Dietz Verlag, 1980.

MADEIRA, J. Entrevista em Jack Davis, Marcia C. Schenck, “A Republic of the Mind” [vídeo]. Disponível em: <https://vimeo.com/133725374>. Acesso em: 29.07.2021.

### Entrevistas:

FABIÃO [13.03.2014] Maputo, Moçambique. Entrevista conduzida pela autora.

JOHN [02.02.2014] Maputo, Moçambique. Entrevista conduzida pela autora.

ILDA [04.09.2011] Maputo, Moçambique. Entrevista conduzida pela autora.

LÁZARO [29.08.2011] Maputo, Moçambique. Entrevista conduzida pela autora.

LUÍS [02.09.2011] Maputo, Moçambique. Entrevista conduzida pela autora.

MAPASSE, A. Chefe do Departamento de Estatística, Ministério de Trabalho, Moçambique [15.05.2014]. Maputo, Moçambique. Entrevista conduzida pela autora.

PATRÍCIO [27.01.2014] Maputo, Moçambique. Entrevista conduzida pela autora.

PINTO, R.; BACAL, F. [21.04.2014] Maputo, Moçambique. Entrevista em grupo conduzida pela autora.

### Arquivos:

MfAA = Ministerium für Auswärtige Angelegenheiten der DDR, Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, Berlim.

Fontes secundárias:

AHRENS, Elke; MÜLLER, Siegrid. 'Ohne Perspektive' Zur Situation der Rückkehrer aus der ex-DDR in Mosambik. In: FARAH, Ahmed; ENGELHARDT, Eva e BRÖSKAMP, Bernd (ed.). *Schwarz-weiße Zeiten. AusländerInnen in Ostdeutschland vor und nach der Wende. Erfahrungen der Vertragsarbeiter aus Mosambik. Interviews - Berichte – Analysen*. Bremen: IZA, KKM, tdh, BAOBAB, 1993. P. 129-131.

BERGER, Almuth. *Annäherungen - Bericht der Ausländerbeauftragten des Landes Brandenburg*. Potsdam: Die Ausländerbeauftragte des Landes Brandenburg, 2006.

BORTLOVÁ-VONDRÁKOVÁ, Hana, e SZENTE-VARGA, Mónika. Labor Migration Programs within the Socialist Bloc. Cuban Guestworkers in Late Socialist Czechoslovakia and Hungary. *Labor History*. 2021. P. 1-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0023656X.2021.1908972>.

DÖRING, Hans-Joachim. 'Es geht um unsere Existenz' Die Politik der DDR gegenüber der Dritten Welt am Beispiel von Mosambik und Äthiopien. Berlin: Links Verlag, 1999.

DÖRING, Hans-Joachim e Rüchel, Uta (eds.) *Freundschaftsbande und Beziehungskisten: Die Afrikapolitik der DDR und der BRD gegenüber Mosambik*. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel, 2005.

GROUTS, Dimitria e VENTURA, Lina. Guest Worker Schemes Yesterday and Today: Advantages and Liabilities. In: TRIANDAFYLLIDOU, Anna. *Routledge Handbook of Immigration and Refugee Studies*. London; New York: Routledge, 2015. P. 110-117.

GRUNER-DOMIC, Sandra. Zur Geschichte der Arbeitskräftemigration in der DDR: Die bilateralen Verträge zur Beschäftigung ausländischer Arbeiter (1961-1989). *Internationale Wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der Deutschen Arbeiterbewegung* 32. 1996. P. 204-30.

JASPER, Dirk. Ausländerbeschäftigung in der DDR. In: KRÜGER-POTRATZ, Marianne (ed.). *Anderssein gab es nicht: Ausländer und Minderheiten in der DDR*. Münster: Waxmann, 1991. P. 151-189.

KÖBSCHALL, Saskia. German, Natural and Naked? The Colonial Entanglements of the Life Reform. *Art Education Research* 10 no.15. 2019: n.p.

MAC CON ULADH, Damian. Die Alltagserfahrungen ausländischer Vertragsarbeiter in der DDR: Vietnamesen, Kubaner, Mozambikaner, Ungarn und Andere. In: WEISS, Karin e DENNIS, Mike (eds.). *Erfolg in der Nische? Die Vietnamesen in der DDR und in Ostdeutschland*. Münster: LIT, 2005. P. 51-68.

MENSE, Jürgen. Ausländerkriminalität in der DDR: Eine Untersuchung zu Kriminalität und Kriminalisierung von Mosambikanern 1979-1990. In: PRIEMEL, Kim Christian (ed.). *Transit – Transfer. Politik und Praxis der Einwanderung in die DDR 1945-1990*. Berlin: be.bra Verlag, 2011. P. 211-244.

MÜGGENBURG, Andreas. *Die ausländischen Vertragsarbeiter in der ehemaligen DDR: Darstellung und Dokumentation*. Die Beauftragte der Bundesregierung für die Belange der Ausländer. Berlin: Bonner Universitäts-Buchdruckerei, 1996.

OPPENHEIMER, Jochen. Mozambican Worker Migration to the Former German Democratic Republic: Serving Socialism and Struggling under Democracy. *Portuguese Studies Review* 12. 2004. P. 163-87.

RANTZSCH, Franziska. The Negotiations of the Contract Labor Accord between the GDR and Mozambique. In: BURTON, Eric; DIETRICH, Anne; HARISCH, Immanuel R. e SCHENCK, Marcia C. *Navigating Socialist Encounters: Moorings and (Dis)Entanglements between Africa and East Germany during the Cold War*. Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2021. P. 139-166.

SCHENCK, Marcia C. A Chronology of Nostalgia: Memories of Former Angolan and Mozambican Worker Trainees to East Germany. *Labor History* 59, no. 3. 2018. P. 352-74.

SCHENCK, Marcia C. Small Strangers at the School of Friendship: Memories of Mozambican School Students to the German Democratic Republic. *Bulletin of the GHI* 15. 2020. P. 41-59.

SCHENCK, Marcia C.. *Socialist Solidarities and Their Afterlives: Histories and Memories of Angolan and Mozambican Migrants in the German Democratic Republic, 1975-2015*. Dissertação de doutoramento, Princeton University, 2017.

SCHLEICHER, Ilona e SCHLEICHER, Hans-Georg. *Die DDR im südlichen Afrika: Solidarität und Kalter Krieg*. Hamburg: Institut für Afrika-Kunde, 1997.

SCHLEICHER, Ilona. Berufsbildung und Wirtschaftsbeziehungen DDR-Mosambik. In: VON DER HEYDEN, Ulrich; SCHLEICHER, Hans-Georg e SCHLEICHER, Ilona (eds.). *Engagiert für Afrika: Die DDR und Afrika II*. Münster: Lit, 1994. P. 179-95.

SCHULZ, Brigitte. *Development Policy in the Cold War Era: The Two Germanies and Sub-Saharan Africa, 1960-1985*. Münster: LIT Verlag, 1995.

SCHULZ, Mirjam. Migrationspolitik der DDR: Bilaterale Anwerbeverträge von Vertragsarbeitern. In: PRIEMEL, Kim (ed.). *Transit – Transfer. Politik und Praxis der Einwanderung in die DDR 1945-1990*. Berlin: be.bra Verlag, 2011. P. 143-68.

SEMMLER, Wolfgang. Mosambik: Größe und Tragik eines Staates im südlichen Afrika. *Mosambikanische Vertragsarbeiter in der DDR-Wirtschaft: Hintergründe - Verlauf - Folgen*. Münster: LIT-Verlag, 2014. P. 17-49.

VON DER HEYDEN, Ulrich. *Das gescheiterte Experiment. Vertragsarbeiter aus Mosambik in der DDR-Wirtschaft (1979-1990)*. Leipzig: Leipziger Uni-Vlg, 2019.

VON DER HEYDEN, Ulrich; SCHLEICHER, Ilona e SCHLEICHER, Hans-Georg. *Die DDR und Afrika: Zwischen Klassenkampf und neuem Denken*. Münster: Lit, 1993.

VON DER HEYDEN, Ulrich; SCHLEICHER Ilona e SCHLEICHER, Hans-Georg. *Engagiert für Afrika: Die DDR und Afrika II*. Münster: Lit, 1994.

VOSS, Matthias. *Wir haben Spuren hinterlassen! Die DDR in Mosambik: Erlebnisse, Erfahrungen und Erkenntnisse aus drei Jahrzehnten*. Münster: Lit, 2005.

---

<sup>1</sup> O Ministério do Trabalho em Moçambique estima hoje que aproximadamente 17.000 trabalhadores(as) migraram para a Alemanha Oriental. Chefe do Departamento de Estatística, Ministério do Trabalho, Moçambique, Armindo Mapasse, Entrevista realizada pela autora, Maputo, Moçambique, 15.05.2014. O número exato de trabalhadores(as) moçambicanos(as) que vieram para a Alemanha Oriental provavelmente se perdeu porque os documentos



---

originais do Ministério do Trabalho moçambicano foram destruídos e a burocracia da Alemanha Oriental contou cada novo contrato, independentemente de quantos contratos foram cumpridos pelo(a) mesmo(a) trabalhador(a).

<sup>2</sup> O internacionalismo proletário foi definido como "internationalistische, kameradschaftliche, freiwillige Zusammenarbeit und Solidarität aller Abteilungen der revolutionären Bewegung", o que se traduz em "cooperação e solidariedade internacionalista, companheira e voluntária de todos os setores do movimento revolucionário". Hänisch, Wörterbuch der Aussenpolitik und des Völkerrechts, 490-93. Com isso evocou a ideia auspiciosa de um mundo socialista internacional baseado na solidariedade e na camaradagem. Foi este espírito de promover boas relações entre dois "Estados irmãos" através de um programa que beneficiasse ambas as partes, que este programa de migração de mão-de-obra foi concebido.

<sup>3</sup> "Neues Deutschland, 4 March 1983" in Brigitte Schulz, *Development Policy in the Cold War Era: The Two Germanies and Sub-Saharan Africa, 1960-1985* (Münster: LIT Verlag, 1995), 20.

<sup>4</sup> Para relatos mais completos sobre a relação entre a RDA e Moçambique, ver Matthias Voss, *Wir haben Spuren hinterlassen! Die DDR in Mosambik: Erlebnisse, Erfahrungen und Erkenntnisse aus drei Jahrzehnten* (Münster: Lit, 2005); Hans-Joachim Döring e Uta Rüchel, eds., *Freundschaftsbande und Beziehungskisten: Die Afrikapolitik der DDR und der BRD gegenüber Mosambik* (Frankfurt am Main: Brandes & Apsel, 2005); Ulrich von der Heyden, Ilona Schleicher, e Hans-Georg Schleicher, *Die DDR und Afrika: Zwischen Klassenkampf und neuem Denken* (Münster: Lit, 1993); Ulrich von der Heyden, Ilona Schleicher, e Hans-Georg Schleicher, *Engagiert Für Afrika: Die DDR und Afrika II*, (Münster: Lit, 1994); Ilona Schleicher e Hans-Georg Schleicher, *Die DDR im südlichen Afrika: Solidarität und Kalter Krieg*, (Hamburg: Institut für Afrika-Kunde, 1997).

<sup>5</sup> Os parceiros comerciais prioritários foram designados "ausgewählte und befreundete afrikanische Staaten" - Estados africanos selecionados e amigos. A Alemanha Oriental iniciou uma ofensiva de exportação em 1977 com Angola, Moçambique e Etiópia, que atingiu seu auge com a assinatura dos tratados de amizade e cooperação em 1979. Hans-Joachim Döring, "Es geht um unsere Existenz". *Die Politik der DDR gegenüber der Dritten Welt am Beispiel von Mosambik und Äthiopien* (Berlim: Links Verlag, 1999), 10.

---

<sup>6</sup> Ilona Schleicher, "Formação Profissional e Relações Econômicas RDA-Moçambique", em *Engagiert für Afrika: Die DDR und Afrika II*, ed. Ulrich van der Heyden, Hans-Georg Schleicher and Ilona Schleicher, (Münster: Lit, 1994), 184. O acordo referia-se a este acordo é o "Abkommen zwischen der Regierung der Deutschen Demokratischen Republik und der Regierung der Volksrepublik Moçambique über die zeitweilige Beschäftigung moçambiquanischer Werktätiger in sozialistischen Betrieben der Deutschen Demokratischen Republik", 24.02.1979. Protocolos e diretrizes subsequentes (1984, 1985, 1988, 1989, 1990) modificaram este acordo, MFAA. Franziska Rantzsch discute a negociação do contrato inicial em "The Negotiations of the Contract Labor Accord between the GDR and Mozambique" em *Navigating Socialist Encounters: Moorings and (Dis)Entanglements between Africa and East Germany during the Cold War*, eds Eric Burton et al. (Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2021), 139-166.

<sup>7</sup> Stellungnahme des Staatssekretariates Arbeit und Löhne zum Vorschlag der VRM über die Ausbildung mosambikanischer Arbeiter in Betrieben der DDR, 3.11.1977. BAZ DY 190 (Büro Mittag), citado em Döring, 'Es geht um unsere Existenz,' 231.

<sup>8</sup> Döring, 'Es geht um unsere Existenz,' 231.

<sup>9</sup> Alves Gomes, entrevista conduzida pela autora, Maputo, Mozambique, 16.05.2014; Döring, 'Es geht um unsere Existenz,' 232-9; Jochen Oppenheimer, "Mozambican Worker Migration to the Former German Democratic Republic: Serving Socialism and Struggling under Democracy," *Portuguese Studies Review* 12 (2004): 164.

<sup>10</sup> Ulrich van der Heyden, *Das gescheiterte Experiment. Vertragsarbeiter aus Mosambik in der DDR-Wirtschaft (1979-1990)* (Leipzig: Leipziger Uni-Verlag, 2019), 57.

<sup>11</sup> Döring, 'Es geht um unsere Existenz,' 164.

<sup>12</sup> Hana Bortlová-Vondráková and Mónika Szenté-Varga, "Labor Migration Programs Within the Socialist Bloc. Cuban Guestworkers in Late Socialist Czechoslovakia and Hungary," *Labor History* (2021), 3.

<sup>13</sup> Para contextualizar programas de trabalhadores(as) contratuais na Europa, ver Dimitria Groutsi e Lina Ventura, "Guest Worker Schemes Yesterday and Today: Advantages and

---

Liabilities,” em *Routledge Handbook of Immigration and Refugee Studies*, ed. Anna Triandafyllidou (London; New York: Routledge, 2015), 110-117.

<sup>14</sup> Sandra Gruner-Domic, “Zur Geschichte der Arbeitskräftemigration in der DDR: Die bilateralen Verträge zur Beschäftigung ausländischer Arbeiter (1961-1989),” *Internationale Wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der Deutschen Arbeiterbewegung* 32 (1996): 204-30; Dirk Jasper, “Ausländerbeschäftigung in der DDR,” em *Anderssein gab es nicht: Ausländer und Minderheiten in der DDR*, ed. Marianne Krüger-Potratz (Münster: Waxmann, 1991), 151-189; Damian Mac Con Uladh, “Die Alltagserfahrungen ausländischer Vertragsarbeiter in der DDR: Vietnamesen, Kubaner, Mozambikaner, Ungarn und Andere,” em *Erfolg in der Nische? Die Vietnamesen in der DDR und in Ostdeutschland*, ed. Karin Weiss and Mike Dennis (Münster: LIT, 2005), 51-68.

<sup>15</sup> Mirjam Schulz, “Migrationspolitik der DDR: Bilaterale Anwerbungsverträge von Vertragsarbeitnehmern,” em *Transit – Transfer. Politik und Praxis der Einwanderung in die DDR 1945-1990*, ed. Kim Christian Priemel (Berlin: be.bra Verlag, 2011), 154.

<sup>16</sup> *Ibid.* 155.

<sup>17</sup> Almuth Berger, *Annäherungen - Bericht der Ausländerbeauftragten des Landes Brandenburg* (Potsdam: Die Ausländerbeauftragte des Landes Brandenburg, 2006), 37.

<sup>18</sup> As estatísticas da Alemanha Oriental podem ser acessadas em Statista. Fonte: *Statistisches Amt der DDR*. Eu calculei esse número com base nas duas tabelas a seguir: Para uma tabela ilustrando o produto interno bruto (PIB) da República Democrática Alemã (RDA) de 1980 a 1989 (em bilhões de marcos da RDA), veja <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/249230/umfrage/bruttoinlandsprodukt-bip-der-ddr/>; para uma tabela ilustrando o número de pessoas empregadas na República Democrática Alemã (RDA) de 1949 a 1989 (em milhões) veja <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/249240/umfrage/berufstaetige-in-der-ddr/>, ambas acessadas em 7 de setembro de 2019.

<sup>19</sup> Embora não seja sensato interpretar demais esses valores específicos, pois eles estão sujeitos a grandes margens de erro e questões metodológicas nesses níveis de agregação, eles fornecem uma indicação geral da contribuição econômica positiva dos trabalhadores(as) estrangeiros.

---

<sup>20</sup> É notável que observações semelhantes estão surgindo sobre programas socialistas de trabalho contratado em outros lugares, onde trabalhadores(as) estrangeiros(as) foram colocados(as) em trabalhos não especializados e em posições impopulares entre a população local. A questão também levou a protestos dos países de envio, como no caso das discussões de Cuba com a Hungria e Tchecoslováquia sobre a questão da capacitação de cubanos. Bortlová-Vondráková e Szente-Varga, "Programas de Migração Trabalhista", 3;10.

<sup>21</sup> Utilizo o termo trabalhador(a)-aprendiz para destacar a conexão entre trabalho e treinamento profissional que marcou o programa de migração de mão-de-obra inicialmente. A princípio, poucos(as) dos(as) recém-chegados(as) foram identificados(as) como trabalhadores(as), algo que mudou com o tempo à medida que se aculturaram na cultura laboral e passaram nos testes de habilidades. Os(as) trabalhadores(as) estrangeiros(as) na Alemanha Oriental eram chamados de "Ausländische Werktätige" - "trabalhadores(as) estrangeiros(as)" - referindo-se às pessoas envolvidas no processo produtivo de ganhar seu dinheiro através de vários tipos de mão-de-obra. Oficialmente, eles(as) também eram chamados de "Freunde", que significa "amigos", num esforço para prescrever uma cultura oficial de boas-vindas.

<sup>22</sup> Veja Artigo 3, Abkommen zwischen der Regierung der Deutschen Demokratischen Republik und der

Regierung der Volksrepublik Moçambique über die zeitweilige Beschäftigung moçambiquanischer Werktätiger in sozialistischen Betrieben der Deutschen Demokratischen Republik, 24.02.197, MFAA.

<sup>23</sup> Veja Wolfgang Semmler, „Mosambik: Mosambik: Größe und Tragik eines Staates im südlichen Afrika.“ em *Mosambikanische Vertragsarbeiter in der DDR-Wirtschaft: Hintergründe - Verlauf - Folgen*. Münster: LIT-Verlag, 2014, 33.

<sup>24</sup> Jürgen Mense, "Ausländerkriminalität in der DDR: Eine Untersuchung zu Kriminalität und Kriminalisierung von Mosambikanern 1979-1990" em *Transit – Transfer. Politik und Praxis der Einwanderung in die DDR 1945-1990*, ed. Kim Christian Priemel (Berlin: be.bra Verlag, 2011), 214, 217. Em teoria, a ideologia socialista postula que homens e mulheres fossem participantes iguais na força de trabalho. No entanto, alguns trabalhos foram considerados mais adequados às mulheres (na produção têxtil, por exemplo) e outras profissões mais

---

adequadas aos homens, tais como a produção de carvão. As trabalhadoras migrantes que eu entrevistei ou não eram casadas ou eram mães solteiras que estavam motivadas em poder sustentar seus filhos.

<sup>25</sup> John, entrevista conduzida pela autora, Maputo, Moçambique, 02.02.2014.

<sup>26</sup> Não há ortografia padronizada, mas "Madjermanes", "Madjermanes", "Madgermanes" ou "MaGermanes" são comuns. "Madjermanes" é provavelmente o mais comum em português, língua oficial de Moçambique e língua franca nacional. O nome tomou forma no início dos anos 90, durante a politização do processo de reintegração dos(as) trabalhadores(as). O termo frequentemente tem uma conotação depreciativa quando usado na mídia. No entanto, o termo também é empregado com orgulho pelos(as) próprios(as) trabalhadores(as) e tem sido usado pelo grupo de ativistas Madjerman. De acordo com meus entrevistados, significa "aqueles(as) que estiveram na Alemanha" ou "aqueles(as) da Alemanha" em Changana e outros idiomas do sul de Moçambique, veja por exemplo, Lázaro, Entrevista realizada pelo autor, Maputo, Moçambique, 29.08.2011. Agradecimentos a Emmanuel Kreike por assinalar que Madjerman poderia linguisticamente insinuar um conceito coletivo como "Alemanidade" ou fazer a "Coisa Alemã". "Ba" seria o prefixo para designar pessoas a classes. A classe Ji-ma para as coisas é especialmente usada com palavras que são emprestadas de outros idiomas, neste caso "Djerman".

<sup>27</sup> É importante notar que oficialmente não foi possível o reagrupamento familiar. Os(as) trabalhadores(as)-aprendizes tinham que se inscrever como indivíduos solteiros, não podiam trazer seus filhos(as) ou parceiros(as), e mesmo que os(as) parceiros(as) se inscrevessem juntos, não era feita nenhuma adequação para designá-los(as) ao mesmo local de trabalho, ver artigo 4 do acordo. Os casamentos entre trabalhadores(as) estrangeiros(as) e alemães orientais também eram geralmente desencorajados. Em nome da produtividade, até quase o final do programa, migrantes trabalhadoras grávidas tinham que decidir entre interromper a gravidez ou voltar para fazer o parto no país de origem; para os pais não havia consequências. Apesar de todas essas restrições, uma segunda (e até uma terceira) geração de filhos(as) dos(as) trabalhadores(as)-aprendizes faz agora parte da sociedade alemã. Veja, por exemplo, 2. Geração/2. Geração, <https://vertragsarbeit-mosambik-ddr.de/2-generation/>, acessado em 24.02.2021.

<sup>28</sup> Fabião, entrevista conduzida pela autora, Maputo, Mozambique, 13.03.2014.

---

<sup>29</sup> Patrício, entrevista conduzida pela autora, Maputo, Mozambique, 27.01.2014.

<sup>30</sup> Almuth Berger, “Annäherungen - Bericht der Ausländerbeauftragten des Landes Brandenburg,” (Potsdam: Die Ausländerbeauftragte des Landes Brandenburg, 2006), 38; Andreas Müggenburg, “Die ausländischen Vertragsarbeiter in der ehemaligen DDR: Darstellung und Dokumentation,” ed. *Die Beauftragte der Bundesregierung für die Belange der Ausländer* (Berlin: Bonner Universitäts-Buchdruckerei, 1996), 18.

<sup>31</sup> *Tempo*, 14 de Outubro de 1990, 22-26.

<sup>32</sup> Muitos(as) entrevistados(as) relatam um senso de ordem e vigilância durante sua estada na RDA propriamente dita que beneficiou sua segurança pessoal. Muitos relatam sentir-se seguros(as) ao se deslocarem durante o início e meados dos anos 80, notando um aumento de expressões racistas ostensivas culminando em ataques verbais e físicos de estrangeiros antes e depois da *Wende*, ver capítulo 3 de minha dissertação, “*The Social Life of Socialism: Real Intimacies, Real Racism and Real Socialism*” em *Socialist Solidarities*, 133-177.

<sup>33</sup> Adevaldo Banze, em Ulf Dieter Klemm, Moçambique - Alemanha, Ida e Volta: Vivências dos Moçambicanos antes, durante e depois de estadia na Alemanha (Maputo: Instituto Cultural Mocambique – Alemanha, ICMA, 2005), 37-38.

<sup>34</sup> *Ibid.* 38.

<sup>35</sup> Elke Ahrens e Siegrid Müller, “‘Ohne Perspektive’ Zur Situation der Rückkehrer aus der ex-DDR in Mosambik,” em *Schwarz-Weiße Zeiten*, ed. Ahmed Farah, Eva Engelhardt e Bernd Bröskamp (Bremen: IZA, KKM, tdh, BAOBAB, 1993), 130. Essas tendências ainda eram notáveis quando eu conduzi minhas entrevistas.

<sup>36</sup> Entrevista de grupo com Pinto, Rafael, Bacal, Fortunado, Entrevista realizada pela autora, Maputo, Moçambique, 21.04.2014.

<sup>37</sup> Marcia C. Schenck, “Socialist Solidarities and Their Afterlives: Histories and Memories of Angolan and Mozambican Migrants in the German Democratic Republic, 1975-2015” (Ph.D. Princeton University, 2017), Cap.5.

<sup>38</sup> Bortlová-Vondráková and Szenté-Varga, “Labor Migration Programs”, 12.

---

<sup>39</sup> Fabião, Maputo, 13.03.2014.

<sup>40</sup> Ilda, entrevista conduzida pela autora, Maputo, Moçambique, 04.09.2011.

<sup>41</sup> Marcia C. Schenck, "Small Strangers at the School of Friendship: Memories of Mozambican School Students to the German Democratic Republic," *Bulletin of the GHI* 15 (2020): 41-59.

<sup>42</sup> Há também alguns ex-trabalhadores(as) moçambicanos(as) que permaneceram na Alemanha, alguns(as) dos quais estão em contato com seus(as) ex-colegas de volta a Moçambique para exercer pressão sobre o governo alemão a fim de que todos os(as) ex-empregados moçambicanos recebam indenização. A identidade do grupo *madjerman* está possivelmente se tornando, portanto, uma identidade transnacional.

<sup>43</sup> A cultura FKK, como é conhecida na Alemanha, não era originalmente da Alemanha Oriental, mas conquistou um grande número de seguidores, pois se tornou uma expressão de liberdade pessoal em uma sociedade sem liberdade. Tem uma história complicada com raízes coloniais, veja por exemplo Saskia Köbschall, "German, Natural and Naked? The Colonial Entanglements of the Life Reform," *Art Education Research* 10 no. 15 (2019): n.p., [https://blog.zhdk.ch/iaejournal/2019/02/26/n15\\_deutsch-natuerlich-und-nackt-die-lebensreform-und-ihre-kolonialen-verflechtungen/](https://blog.zhdk.ch/iaejournal/2019/02/26/n15_deutsch-natuerlich-und-nackt-die-lebensreform-und-ihre-kolonialen-verflechtungen/)

<sup>44</sup> ATMA, a Associação de Ex-trabalhadores(as) moçambicanos(as) na Alemanha, é uma organização de âmbito nacional que representa os trabalhadores(as)-aprendizes retornados(as) a partir de 2014. Suficientes *madjermanes* continuam comprometidos com a luta para realizar protestos ativos. No entanto, Maputo é o único local com manifestações públicas irregulares.

<sup>45</sup> A gentrificação do parque também começou em 2014, com novos edifícios e cafés suplantando pouco a pouco os espaços mais informais dos *madjermanes*. Na época de minha pesquisa, o novo e o antigo co-existiram em tréguas tácitas.

<sup>46</sup> Centenas de milhares de alemães do Leste saíram em protesto pacífico por uma reordenação democrática nas noites de segunda-feira entre 1989-1990.

<sup>47</sup> Os contatos entre ex-trabalhadores(as) residentes na Alemanha e em Moçambique são de natureza diversa. Muitos são de natureza privada. Mas há também aqueles envolvidos com os dois principais tópicos do legado da migração. Em primeiro lugar, a questão do pagamento de

---

indenização e, em segundo lugar, os(as) filhos(as) de ex-trabalhadores(as) à procura de seus pais. Também na Alemanha, o movimento de reivindicação de indenização está se reenergizando. Em 2019, uma conferência internacional foi realizada em Magdeburg, na qual o Referendo de Magdeburg foi adotado para investigar questões abertas relativas aos legados da migração trabalhista. Veja o site que acompanha o projeto: <https://vertragsarbeit-mosambik-ddr.de>, acessado em 24.02.2021. Reencontro Familiar: Moçambique-Deutschland é um grupo de pessoas afetadas e aliadas que procuram localizar familiares na Alemanha e em Moçambique <https://reencontrofamiliar.wordpress.com>, acessado em 24.02.2021. Há também outros grupos como o grupo do Facebook Afropa-Solibabys, <https://www.facebook.com/AfropaSolibabys/>. O contato entre a Alemanha e Moçambique é mantido via Facebook, WhatsApp e conversas telefônicas, e, é claro, visitas quando possível.

<sup>48</sup> Eu cunhei o termo *Eastalgia* para definir a nostalgia dos retornados em relação a aspectos de suas experiências vividas na Alemanha Oriental. Esta é uma nostalgia distinta da *Ostalgie*, que se refere ao anseio pela Alemanha Oriental dentro da Alemanha. Para uma discussão mais aprofundada, ver Marcia C. Schenck, "A Chronology of Nostalgia: Memories of Former Angolan and Mozambican Worker Trainees to East Germany," *Labor History* 59, no. 3 (2018): 352-74.

<sup>49</sup> Juma Madeira em Jack Davis, Marcia C. Schenck, "A Republic of the Mind," curta metragem, (<https://vimeo.com/1473234882015>), acessado 18. fevereiro 2017.

<sup>50</sup> Luís, entrevista conduzida pela autora, Maputo, Mozambique, 02.09.2011.

<sup>51</sup> Uma *vuvuzela* é um chifre de plástico que exala um som monótono quando soprado e tornou-se famoso em todo o mundo através da Copa do Mundo de futebol na África do Sul em 2010. Ela também é usada em protestos.



---

## Biografia

Marcia C. Schenck é professora de História Global na Universidade de Potsdam, Alemanha, e tem investigado as mobilidades entre a África e a Europa através da lente de memórias de trabalhadores e estudantes migrantes de Angola e Moçambique para a República Democrática Alemã. Sua dissertação „Solidariedades Socialistas e sua Repercussão: Histórias e memórias de migrantes angolanos e moçambicanos na República Democrática Alemã, 1975-2015 (*Socialist Solidarities and their Aftermath: Histories and Memories of Angolan and Mozambican migrants to the German Democratic Republic, 1975-2015*), traça a experiência migratória e as memórias dos migrantes angolanos e moçambicanos na Alemanha Oriental. Mais recentemente, ela tem embarcado no estudo da gestão de refugiados da Organização da Unidade Africana. Ela recebeu seu PhD em história na Universidade de Princeton em setembro de 2017 e possui um MSc em Estudos Africanos pela Universidade de Oxford. Ela publicou artigos em *Africa*, *African Economic History* e *Labor History*, entre outros. Sua última publicação é um volume co-editado com Eric Burton, Anne Dietrich e Immanuel Harisch, Navegando por Encontros Socialistas: Amarras e (Des)Enredos entre a África e a Alemanha Oriental durante a Guerra Fria“ (*Navigating Socialist Encounters: Moorings and (Dis)Entanglements between Africa and East Germany during the Cold War*). Ela também é co-fundadora da rede H-Net Refugiados na História Africana (<https://networks.h-net.org/african-refugees-crossroads>) e fundadora do projeto diálogos de história (<https://globalhistorydialogues.org>) que faz parte do Laboratório de História Global da Universidade de Princeton.

